

**ARTICULANDO GÊNERO E RAÇA NA EDUCAÇÃO TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO:
O CASO DAS ESTUDANTES EGRESSAS DO IFPE-CAMPUS IPOJUCA**ARTICULATING GENDER AND RACE IN MIDDLE-LEVEL TECHNICAL
EDUCATION: THE CASE OF FORMER STUDENTS OF IFPE-CAMPUS IPOJUCA**FERREIRA, Danielle de Farias Tavares**Instituto Federal de Pernambuco; danielleferreira@ipojuca.ifpe.edu.br**ESTEVIÃO, Vanessa**Instituto Federal de Pernambuco; vanessa1818v@gmail.com**NETO, Vitor José de Lima**Instituto Federal de Pernambuco; vitorlima-10@hotmail.com**SILVA, Bruna Steffany Gomes da**Instituto Federal de Pernambuco; steffanybruna7@gmail.com**SILVA, Maria Lidiane**Instituto Federal de Pernambuco; lidiane1010@hotmail.com**Resumo**

O Núcleo de Gênero e Diversidade do Instituto Federal de Pernambuco-Campus Ipojuca tem desenvolvido pesquisas e ações acerca da transversalização da relação de gênero e das questões étnico racial a se entrelaçarem nos discursos do cotidiano de uma instituição de ensino médio técnico. Diante das inquietações, nossa problemática se referiu ao modo como as jovens egressas dos cursos técnicos de Construção Naval e Automação Industrial se percebiam em salas de aula compostas, em sua maioria, por estudantes do sexo masculino. Optamos por desenvolver um projeto de cunho científico-extensionista numa perspectiva de pesquisa-ação. A proposta abarcou também a descrição das características sócio-demográficas das jovens estudantes egressas e a análise dos discursos delas. A partir dos estudos dirigidos sobre o tema, bem como do levantamento das características relevantes dos atores sociais e da análise discursiva a permear as vivências desse público podemos propor ações direcionadas à promoção de diálogos com a comunidade acadêmica e discussões pertinentes em momentos de capacitação pedagógica com os docentes, bem como em encontros acadêmicos com os estudantes.

Palavras-chave: Juventude (s). Gênero. Ensino médio técnico.**Abstract**

The Gender and Diversity Center of the Federal Institute of Pernambuco-Campus Ipojuca has developed researches and actions on the mainstreaming of gender relations and ethnic racial issues to be interwoven in the daily speeches of a technical high school subjects. In the face of the concerns, our problem related to the way the young graduates of the technical courses of Naval Construction and Industrial Automation were perceived in classrooms composed mostly of male students. We chose to develop a scientific-extensionist project through an action/research perspective. The proposal also included describing the sociodemographic characteristics of the young students who have graduated

and the analysis of their discourses. From the studies conducted on the subject, as well as the survey of the relevant characteristics of the social actors and the discursive analysis that permeate the experiences of this public, we can propose actions aiming to the promotion of dialogues with the academic community and relevant discussions at pedagogical training courses, as well as, academic meetings with students.

Keywords: Youth (s). Genre. Secondary technical education.

1 Introdução

Reconhecer as desigualdades nas relações de gênero e na existência de diversos mecanismos de discriminação e racismo, a se manifestarem implícita ou explicitamente dentro das escolas, é o primeiro passo para gerar discussões sobre as construções que ditam o que é masculino ou feminino, a partir do biológico, e as relações de poder que se estabelecem nesse processo de demarcação binária. É a partir dessas discussões que o Núcleo de Gênero e Diversidade do Instituto Federal de Pernambuco- Campus Ipojuca tem desenvolvido pesquisas e dentro de sua comunidade acadêmica.

Cruz (2012) considera que estudar as categorias de gênero numa sociedade contemporânea é analisar as desigualdades de gênero sem abstrair as desigualdades de classe, etnicidade e de raça, que tornam ainda mais dramáticas as vivências dos indivíduos e, mais especificamente, das mulheres. Partindo da compreensão do processo histórico, em que a sociedade contemporânea está marcada pela submissão ao poder patriarcal, os estudos de gênero têm se direcionado não apenas a abarcar debates e discussões sobre a submissão feminina, mas também compreender as amplas vivências de desigualdades nas relações sociais entre homens e mulheres em que muitos indivíduos são submetidos.

No entender de Oliveira (2015, p. 264):

A valorização do diferente e o respeito às diversas formas de manifestação de identidades é uma perspectiva adotada pelos estudos de gênero[...] Estudos atuais mostram a pluralidade de diferença que se faz presente na escola de diversas maneiras, sejam elas psicológicas, de gênero, de orientação sexual, religiosas e (ou) étnico racial. A partir desse contexto surge o desafio de articular o comum com o plural, a igualdade com a diferença, de promover debates sobre como se produzem os preconceitos[...].

Os estudos em gênero possibilitam que as instituições se questionem sobre

seus posicionamentos diante das diversas identidades, diferenças sexuais e das relações de gênero entre os sujeitos que nelas se encontram inseridos. É reconhecido, os benefícios de se desenvolver discussões sobre este viés dentro de uma instituição de ensino técnico, ao passo que, possibilitam à instituição de ensino se reconhecer enquanto espaço de embate dos problemas sociais, de acolhimento aos vulneráveis e de promoção e respeito à diversidade.

Para que discursos de reconhecimento e respeito às diferenças se disseminem e resultem em mudanças significativas nas relações sociais, é necessário a compreensão da análise de gênero, na qual “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. (HALL, 1999, p.13).

É sobre esse sujeito contemporâneo de múltiplas identidades que os estudos de gênero se propõem aliar-se à educação na busca por desconstruir o lugar privilegiado dado às formas universais de se conceber o que é próprio do homem e da mulher, ignorando, assim, as demais construções culturais para além da demarcação binária.

A afirmação de determinadas diferenças, o processo de assimilação de determinados grupos à sociedade hegemônica, a promoção do diálogo entre diferentes grupos socioculturais devem ser práticas recorrentes do cotidiano escolar (LOURO, 1997, p.49).

Partindo desses pressupostos, identificamos a relevância em se enveredar por estudos de gênero e isso promoveu alguns questionamentos sobre nossas práticas enquanto docentes, técnico-administrativos e estudantes de uma instituição de ensino médio técnico.

Uma de nossas problemáticas se referiu ao modo como as estudantes dos cursos técnicos de Construção Naval e de Automação Industrial se percebiam em salas de aula composta, em sua maioria, por estudantes do sexo masculino. Outros questionamentos foram surgindo tais como: De que maneira se deu as relações dessas estudantes com seus professores e os demais colegas no decorrer do curso? A procura por estágio, obrigatório para a conclusão do curso, em tais áreas ocorreu de maneira amistosa? Houve dificuldades delas se inserirem em determinados espaços dentro de nossa instituição de ensino e dentro da empresa em que estagiaram? Como elas se perceberam enquanto mulheres, pardas, negras, oriundas

de escolas públicas e que se inseriram em uma instituição de ensino técnico de nível médio?

Diante desses questionamentos, optamos, inicialmente, por desenvolver uma pesquisa de cunho científico-extensionista numa perspectiva de pesquisa-ação, a qual é compreendida por alguns autores como Tripp(2005) enquanto um método qualitativo que se situa entre a prática rotineira e a pesquisa acadêmica. A proposta abarcou também o levantamento de dados sóciodemográficos sobre as jovens estudantes egressas e a análise dos discursos delas. As estudantes egressas foram as escolhidas por ter esse público completado toda uma trajetória acadêmica desde o ingresso até a conclusão do curso, com a finalização do estágio obrigatório.

A instituição contemplada para a realização da pesquisa-ação se localiza no município do Ipojuca-Pernambuco, cidade esta que veio vivenciando significativas mudanças na sua economia ao deter a posição de segundo maior Produto Interno Bruto (PIB) entre os municípios pernambucanos, conforme dados do último censo. Isso por integrar-se aos principais polos econômicos do estado, o que, relativamente, veio resultando numa crescente ampliação do mercado de trabalho na região.

Em face desta realidade, vivenciada nos últimos anos, o IFPE campus Ipojuca veio recebendo públicos diversos. A pluralidade de diferenças é vivenciada constantemente no campus Ipojuca e de modo a convivermos com diferentes identidades, sejam elas de ordem psicológica, de gênero, de orientação sexual, religiosas e (ou) étnico racial.

Mesmo com todo esse crescimento econômico do município, e uma peculiar melhora no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da região, o nível de escolarização da população explicita ainda a precariedade dos processos de escolarização vivenciados na cidade. O contraste entre o desenvolvimento econômico do município não se atrela, diretamente, às condições de vida de grande parte de sua população, e isso, certamente, vem afetando as trajetórias de vidas e acadêmicas do público que o campus Ipojuca tem recebido.

O IDH de Ipojuca veio obtendo uma melhora desde 1999, porém a maioria da população economicamente ativa do município possui uma renda baixa, ao auferir entre $\frac{1}{2}$ a 1 salário mínimo, conforme os dados do último censo. O índice de desemprego entre os jovens e adultos da cidade do Ipojuca soma 43,2%, e de 80.637

habitantes em Ipojuca, 49,47% são homens, 50,53% são mulheres, marcando também em seu território a presença acentuada de mulheres a buscar o sustento de seus lares.

Outro dado relevante se referiu à população residente do Ipojuca por cor ou raça, segundo o sexo e a idade. Conforme dados da secretaria de juventude do Ipojuca, colhidos em 2014 e tendo como fonte o censo 2010, identificamos que as mulheres na faixa de 0 a 18 anos se declaram 8,13% como pardas, 4,32% como brancas, 0,93% pretas 0,05% como indígenas e 0,16% como amarelas. Os homens não diferem muito, pois estando na mesma faixa etária, 8,32% se declaram pardos, 4,38% brancos, 1,13% pretos, 0,04% indígenas e 0,11% se declaram amarelos.

Em pesquisa mais recente o Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Nogueira (IMIP) realizou em 2016 um diagnóstico socioeconômico e de Qualidade de Vida das mulheres residentes em Ipojuca. Nela foi constatado que das 27.802 mulheres envolvidas na pesquisa, 56,3% se consideram pardas e 83% não frequentam atualmente escola formal ou universidade. O nível de escolarização da maioria delas foi até o ensino médio completo. Apenas 5,5% conseguiram concluir o ensino superior.

Diante dessas características da população ipojucana, mais especificamente das mulheres, compreendemos que a população residente na cidade do Ipojuca é composta, em sua maioria, por mulheres, e boa parte delas se declaram de cor parda. Essa realidade é refletida na comunidade acadêmica do campus Ipojuca, pois essa instituição de ensino tem atendido cerca de 720 estudantes por semestre, sendo, em grande parte, oriundos da educação pública regular presente no município e tendo as mulheres ipojuicanas a compor boa parte de seu quadro de discentes.

A partir desses dados, objetivamos, de maneira abrangente, identificar as relações de gênero empreendidas nas trajetórias acadêmicas das jovens egressas dos cursos técnicos de Construção Naval e Automação Industrial do campus Ipojuca, tendo como objetivos específicos mapear a trajetória acadêmica das jovens egressas durante o curso concluído, bem como analisar o modo de recepção e as relações entre essas estudantes, seus professores e demais colegas nas turmas de maior presença masculina. Identificar se houve dificuldades das jovens se inserirem em determinados espaços dentro da instituição de ensino e/ou dentro das empresas em que estagiaram também se colocou como objetivo a ser alcançado.

Desse modo, consideramos relevante desenvolver uma pesquisa que enfatize

a trajetória acadêmica dessas mulheres, as manifestações identitárias que expressam em suas histórias de vida e na busca por inserção no mercado de trabalho. As dificuldades e superações para concluir cursos em que haja a genuína presença masculina, ocupando a maioria das vagas no mercado de trabalho, e as relações de gênero empreendidas nesses espaços foram discussões que trazidas para as escolas, e principalmente numa escola técnica de nível médio que tem como missão:

A estrutura multicampi e a clara definição do território de abrangência das ações dos Institutos Federais afirmam, na missão destas instituições, o compromisso de intervenção em suas respectivas regiões, identificando problemas e criando soluções técnicas e tecnológicas para o desenvolvimento sustentável com **inclusão social** [...] (PACHECO, 2011, p. 14).

Os resultados alcançados, promoveram o fortalecimento do Núcleo de Gênero e Diversidades (NEGED) do campus Ipojuca enquanto núcleo de estudos, intervenção e apoio à comunidade acadêmica no que tange a essa temática. Outros discursos se fazem presentes dentro da instituição de ensino ao se referirem às mulheres pardas, jovens e oriundas das escolas públicas. Esse estudo refletiu a composição de parte da comunidade do entorno a compor nossa comunidade acadêmica complexa e diversa.

2 Fundamentação Teórica

2.1 Juventude e escola: As jovens pobres e a escola pública

“Sociedades desiguais permitem desiguais condições de exercício da condição juvenil”. (CARRANO; PEREGRINO, 2005, p. 2).

Em nosso país, como nos demais países capitalistas, as relações sociais são estabelecidas pelas forças produtivas derivando-se numa lógica classista. Diante disso, o reconhecimento e a garantia de expressão da condição juvenil acabam dependendo da classe ou grupo social ao qual se pertença. A partir dessa realidade em que a exclusão se naturaliza, o ensino médio e médio técnico público brasileiro, segundo Carrano e Peregrino (2005) acaba, pois, se destinando às minorias sobreviventes do ensino fundamental¹.

¹ Minorias sobreviventes devido aos elevados índices de reprovação e evasão no ensino fundamental, em que são poucos jovens, os quais conseguem concluir o ensino básico. Uma das formas facilitadoras de aumentar o índice de conclusão do fundamental e ingresso no ensino médio tem sido feito a partir de projetos

Interessante notar que a escola pública não exclui esses jovens apenas por reprovação ou por “evasão” induzida, mas também pelos degradados processos de escolarização dos estabelecimentos em que esses jovens pobres são submetidos, ampliando intensamente a hierarquização entre as classes sociais: jovens economicamente competitivos que podem comprar educação de qualidade no mercado e os jovens pobres sujeitados à desvalorização sócio-político-cultural dos bens públicos.

Essas escolas carregam em si a contradição entre os processos de inclusão e exclusão simultaneamente, ao passo que tanto inclui devido à democratização do acesso quanto exclui ao lograr políticas públicas de expansão massificantes e degradantes, ou seja, que não focalizam a qualidade e mantêm uma concepção assistencialista do que é, na verdade, um direito social (vide art.205 da CF/88).

Decorre que se tornou mais compreensivo o porquê da população jovem pobre ser a parcela mais ampla dos desempregados conforme os dados do IBGE sobre a população jovem brasileira. Afinal, é nesse contexto de ocupação de posicionamentos sociais muitas vezes marginais (educação de má qualidade, mercado de trabalho informal, envolvimento com o tráfico, dentre outros) que esses jovens se veem diante das alternativas disponibilizadas a tais, e estas condições oportunizadas acabam por refletir em suas identidades, conforme afirma Nascimento (2006).

Apesar de a escola ser para muitos deles um obstáculo em se manter nela, Nascimento (2006) nos confirma ainda que esse grupo etário (instituição educacional escolar) continua sendo um caminho de inserção social e busca por cidadania nas representações de muitos desses jovens, os quais também a coloca enquanto instituição responsável por desenvolver habilidades de vida e acadêmicas.

Essas habilidades não englobam apenas a formação para o trabalho e a realização de seus projetos de vida, mas também como um espaço importante para legitimar as expressões e formas de vida desses jovens, ou seja, de construção de suas próprias cidadanias através de seus saberes. Por isso, não podemos desconsiderar essas expressões vivas dentro das escolas. Fazer a didatização entre os conhecimentos populares e científicos é o primeiro passo nesse processo de

(aceleração, ciclos, etc.) que visam evitar a reprovação, estabelecendo um fluxo mais contínuo de alunos por série e também como forma de dotação de verbas através do aumento significativo do número de alunos nas escolas (FUNDEB).

formação cidadã. Dado o exposto, Carrano e Peregrino (2005) sintetizam bem essa discussão entre juventude e escola quando esclarecem:

“(...) A forma com que os jovens experimentam a degradação das condições de escolarização, a experiência desta forma “de estar” numa escola que deve cavar todos os dias as condições necessárias para o seu funcionamento e a chamada “escolarização sem sentido” são matrizes dos embates cotidianos que nos permitem perceber, nessa escola pública que se desfaz, os germes mais tênues de uma possível escola “recriada” pelo olhar dos jovens que nela habitam. (Carrano e Peregrino, 2005, p.10)”.

É a partir do olhar e da valorização de suas formas de expressão que esses jovens recriam a escola e potencializam resistências, críticas e reflexões por parte daqueles que as experimentam, exigindo uma revisão profunda dentro da escola na relação tradicional entre a educação, cidadania, gênero e a participação política como já salientava Arroyo (1995 apud RIBEIRO, 2002, p.115). Logo, da mesma maneira que a educação institucionalizada serviu para intensificar as relações de poder na era moderna ao diferenciar *escola de abastados X escola de subalternos; adultos mantenedores da ordem X adolescentes em formação*, é também através dela que se tornará possível construir novos significados para a recriação de uma escola que leve em consideração os espaços ocupados por esses atores sociais² que forma, ou seja, aprendendo com e utilizando suas expressões identitárias de gênero, raça, dentre outros.

Nesse sentido, propomos através dessa pesquisa também refletir sobre os embates possíveis em torno da temática de gênero e suas relações dentro da instituição escolar, dando o devido viés às questões que envolvam conceitos sobre o feminismo, raça e etnia a permear as relações de poder.

2.2 Gênero, feminismo, raça e etnia

A partir de nosso marco teórico também realizamos rodas de diálogo para tratar do conceito de gênero dentro de nossa comunidade acadêmica. Para Narvaz (2010, p.176) “O gênero não precisa estar necessariamente vinculado ao sexo. Tal vinculação é também uma convenção da linguagem, uma vez que a linguagem não

² Utilizamos a expressão atores sociais no sentido já colocado por: ver Ranci (2005, p.43-66). Ao considerar o ator social como um ser que se posiciona e reposiciona em diversos lugares no corpo social, e logo, não havendo um lugar fixo para determinada pessoa.

apenas reflete, descreve ou representa a realidade, mas constitui aquilo mesmo que representa”.

Partindo dessa perspectiva, o gênero é um conceito que desvincula o sexo biológico da opção sexual dos indivíduos e do mesmo modo desvincula os papéis sociais que cada indivíduo escolhe para se posicionar na sociedade, ou seja, não há papel social destinado ao sexo masculino ou ao sexo feminino. Isso é construção social. Diversos outros autores têm se apropriado dessa corrente e integrado ela a outros conceitos como o de feminismo. “O feminismo integra um longo processo de mudança que envolveu a emancipação dos indivíduos das formas tradicionais da vida social (...)” (SORJ, 1992, p.18).

Meyer (2013) também considera que ao longo da vida, através das mais diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos como homens e mulheres num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado ou completo. Nessa direção, a articulação entre gênero e educação amplia a noção de educativo ao enfatizar que educar engloba um complexo de forças e de processos que inclui na contemporaneidade aprender as diferentes formas de definir e viver a feminilidade e a masculinidade.

3 Metodologia

A partir dos objetivos assinalados desenvolvemos uma pesquisa de abordagem qualitativa. A metodologia escolhida explicita um estudo de caso e sua devida transferibilidade de resultados para fins de dar o teor de confiabilidade e validade ao estudo, como bem salienta Yin (2005).

Nessa direção, a pesquisa se configurou num formato de pesquisa-ação a fim de alcançar coletivamente alternativas para a resolução dos problemas identificados e relacionados às relações de gênero. Para realizar a análise e tratamento dos dados optamos pela perspectiva das práticas discursivas e de produção de sentidos, as quais enfatizam o caráter descritivo e explicativo das análises e da participação do investigador na construção das informações.

As práticas discursivas, assim entendidas de maneira ampla, situam-se em lugares e no tempo, sendo elas interações discursivas instauradas através de relações que adquirem sentido. Essa tendência adota a análise crítica dos

discursos evidenciando as relações e as crenças nas falas, tal qual é utilizada pelos informantes numa situação qualquer, como descreve Iniguez (2004).

Partindo dessas definições, realizamos o levantamento bibliográfico das pesquisas sobre a temática de gênero e educação ocorridas nos últimos 5 anos, em bancos de dados do portal Capes, *Scielo*, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), e realizamos o fichamento das referências levantadas a partir da elaboração de uma argumentação conceitual, a qual organiza metodologicamente os dados a serem obtidos. Abaixo é possível verificar um modelo de quadro de fichamento adotado.

Tabela 1 – Trecho de um fichamento bibliográfico

FICHAMENTO BIBLIOGRÁFICO		
AUTOR(ES)	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	PALAVRAS-CHAVE
Alfrancio Ferreira Dias Maria Helena Santana Cruz	DIAS, Alfrancio F. Dias; CRUZ, Maria Helena Santana. <i>Educação e Igualdade de gênero</i> . Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2015.	Relações de gênero, Igualdade de gênero, Educação.
RESUMO CRÍTICO		
<p>Essa coleção traz diversos artigos que discutem as relações de gênero em diferentes áreas da ciências humanas e dando ênfase a área da educação, a qual tem sido significativos os debates a cerca dessa temática dentro dessa instituição.</p> <p>No campo científico, o livro inicia em sua primeira parte trazendo artigos que discutem o campo de disputa de se discutir esse tema, ainda bastante rejeitado dentro das escolas, sendo considerado muitas vezes como irrelevante ou restrito às mulheres ou aos homossexuais.</p> <p>Desse modo, investigar essa temática denota embates discursivos em meio aos inúmeros debates existentes e fazendo os pesquisadores e pesquisadoras que publicaram seus artigos neste livro assumirem o desafio de pensar e valorizar outras formas de ser e estar no mundo.</p>		

Os instrumentos de análise para o registro de informações foram as entrevistas semiestruturadas. A entrevista semiestruturada é aceita como um encontro conversacional em que as questões se tornaram um tópico de análise tanto quanto as respostas dos entrevistados. As entrevistas tiveram seus roteiros elaborado a partir das inquietações sugeridas pelos objetivos propostos (ver apêndice 1).

Com relação à técnica de grupo focal, Gatti (2004) considera que essa técnica é oriunda de trabalhos em grupos desenvolvidos pela psicologia social. Nela se privilegia a seleção de participantes conforme algumas características em comuns a lhes qualificarem para uma discussão central. Sua utilização em estudos sobre a recepção de programas de televisão e também em processos de pesquisa-ação se iniciou a partir de 1950.

Loizos (2008) salienta também ser pertinente o registro dos instrumentos de análise através de fotografias e dos gravadores de som, os quais favoreceram um exame sistemático do corpus juntamente com as anotações contextuais possibilitantes de categorização com maiores detalhes das informações colhidas.

Em síntese nossos procedimentos teórico-metodológicos seguiram as seguintes etapas: 1) Pesquisa qualitativa com levantamento de referenciais bibliográficos em bancos de dados (*Scielo*, portal *Capes*...); 2) Realização de entrevistas semiestruturadas com as jovens envolvidas; 3) Transcrição das entrevistas e 4) Análise crítica e categorização dos discursos encontrados 5) Posterior aplicação da técnica de grupo focal.

Após estudo e análise dos discursos das jovens egressas, desenvolvemos ações de sensibilização sobre a temática e ampliamos a divulgação de ações envolvendo rodas de diálogo, as quais consideramos necessárias serem empreendidas a partir dos resultados obtidos.

4 Resultados e Discussão

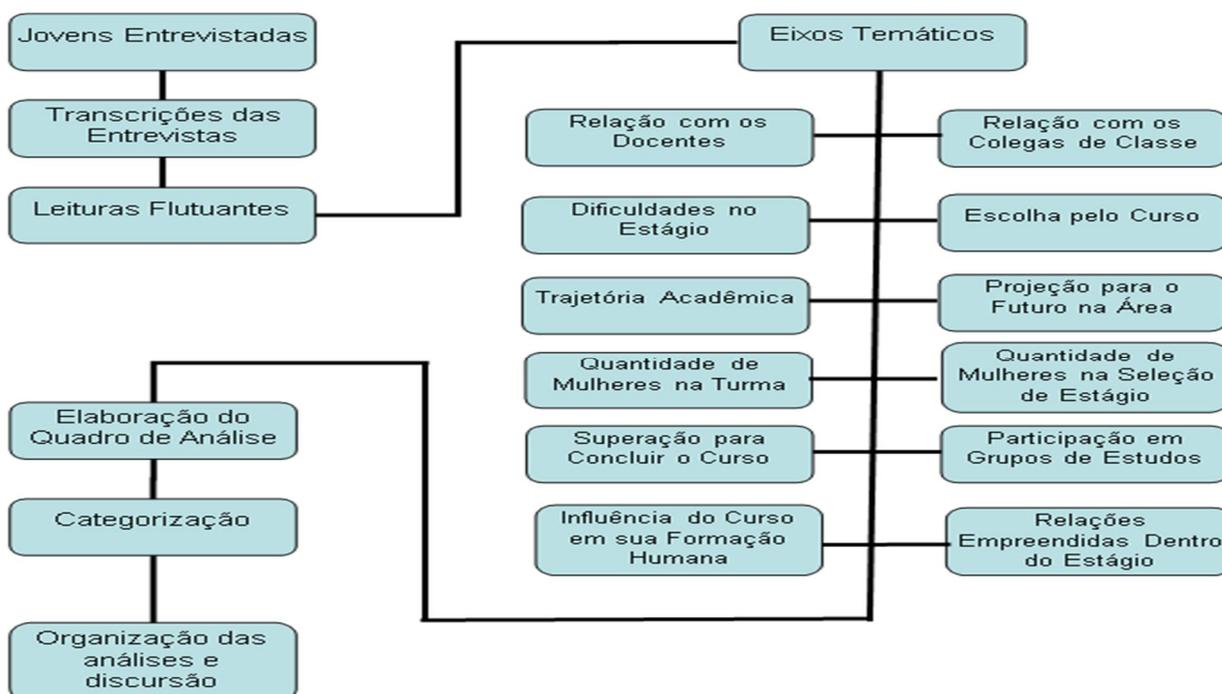
Partindo do levantamento realizado no Sistema Q-acadêmico do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), verificamos que no curso técnico de Automação do campus Ipojuca, desde sua criação em 2008, apenas 11 mulheres concluíram o curso de um total de 135 estudantes formados. A realidade no curso técnico de Construção

Naval desde o seu início, em 2011, não foi muito diferente. Foram apenas 15 estudantes mulheres que concluíram de um total de 160 estudantes formados.

Desse universo de 11 mulheres do curso técnico de Automação Industrial, que concluíram o curso, apenas 3 foram entrevistadas. Das 15 mulheres do curso técnico de Construção Naval, que concluíram, também apenas 3 foram entrevistadas. Os critérios de seleção foram aleatórios, conforme disponibilidade delas em participar da pesquisa. As entrevistas tiveram como canal de comunicação as redes sociais, tais como *Skipe* e em outros casos as entrevistas ocorreram pessoalmente ou via telefone. A não participação de muitas se deveu a dificuldade de contatá-las, haja vista muitos dados pessoais delas estarem desatualizados no sistema Q-acadêmico.

As coletas seguiram o formato de entrevista semiestruturadas com roteiro próprio (Ver apêndice 1), e na ocasião todas consentiram a gravação de seus áudios. Após a coleta das entrevistas, a análise e categorização dos discursos encontrados seguiram o diagrama de análise que segue abaixo:

Figura 1- Diagrama de análise



O diagrama apresenta as etapas de análise que fizemos uso e também utilizamos a ideia de campo-tema desenvolvida por Spink (2002 apud PINHEIRO, 2004) que abrange todo o processo de imersão no tema de investigação desde as ideias iniciais, conversas, leituras e outros elementos..

Utilizamos, na tentativa de compreensão das práticas discursivas, os princípios da análise do discurso de tradição inglesa³, a qual adota a etnometodologia e a análise conversacional como referentes, abandonando a visão da linguagem como uma série estática de descrições e do analista como mero coletor de dados neutros. A partir da análise, realizamos o tabulamento dos principais eixos e categorias constantes nos discursos das entrevistadas, conforme é possível verificar nos quadros a seguir.

Tabela 2 – Quadro de análise

Eixos Temáticos	Categorização	Algumas Falas (Fem. Jovem egressa, 24)
Relação com os Docentes	<ul style="list-style-type: none"> • Sem distinção por “sexo” nas relações; • Auxílio dos professores; • Inserção no mercado de trabalho. 	<p>“Algo bem normal, não teve nenhuma confusão nem nada, mas a relação com os professores era de igual pra igual com homem ou com mulher.”</p> <p>“Alguns professores auxiliavam.”</p>
Relação com os Colegas de Classe	<ul style="list-style-type: none"> • Sem distinção de Gênero das relações; • Participação em grupos de estudos com a turma. 	<p>“A turma da gente era muito unida, a gente até ia estudar na biblioteca.”</p>
Dificuldades no Estágio	<ul style="list-style-type: none"> • Demora na inserção; • Área de atuação bastante desafiadora; 	<p>“Demorei ainda seis meses depois que terminei o curso, para conseguir o estágio.”</p>
Escolha pelo Curso	<ul style="list-style-type: none"> • Mercado de trabalho em alta na época(2012-2015). 	<p>” Por que era um curso novo, estava em alta na época, na época eles estavam até competindo com engenharia na UFPE.”</p>
Trajetória Acadêmica	<ul style="list-style-type: none"> • Jornada dupla de estudos. 	<p>“Eu chegava de manhã, umas 07:00 horas e: vinha pro programa aluno colaborador, ai ficava até 12;00 horas, depois eu ia almoçar e ia pro curso de tarde.”</p>
Projeção para o Futuro na Área	<ul style="list-style-type: none"> • Se especializar mais através de cursos de qualificação; 	<p>“Fazer cursos extras me ajudou muito, no estágio.”</p>

³ A tradição anglo-saxão da Análise do Discurso. Ver Potter e Wetherell (1987, p. 158-176).

	<ul style="list-style-type: none"> Fazer curso superior em áreas afins. 	
Quantidade de Mulheres na Turma	<ul style="list-style-type: none"> Proporção igual. 	“Era igual”
Quantidade de Mulheres na Seleção de Estágio	<ul style="list-style-type: none"> Só havia mulheres. 	“Só foi eu e outra menina, não teve nenhum menino, por que os meninos que entraram todos eles saíram, por que não éera aquilo que eles queriam, por que era um negócio que... era você e você lá dentro, e o pessoal queria que fizesse outras coisas.”

Tabela 3- Dados sóciodemográficos

Jovens Egressas							
	Idade	Curso Concluído	Etnia	Tempo de Atuação	Moradia	Ano de Conclusão	Trabalha na Área
Jovem 1	24	Construção Naval	Parda	2 Anos	Cajueiro Seco	2015	Não
Jovem 2	33	Automação Industrial	Parda	6 Anos e 4 meses	Conj. Marcos Freire	2011	Não
Jovem 3	24	Construção Naval	Branca	2 Anos e 3 meses	Suape	2015	Sim
Jovem 4	23	Construção Naval	Parda	6 meses	Ipojuca Centro	2014	Não

Iniciamos a coleta dos dados sóciodemográficos no sistema de matrícula e notas Q-acadêmico, adotado pelo IFPE, durante os meses de agosto a setembro de 2017, conforme previsto em cronograma. Logo após essa etapa, realizamos as entrevistas das estudantes, a partir dos critérios traçados e de nossa elaboração do roteiro, para, em seguida, iniciarmos propriamente a análise de seus discursos.

No levantamento inicial de dados no sistema Q-acadêmico identificamos que foram poucas as estudantes jovens e pardas egressas do curso técnico de Automação Industrial e de Construção Naval.

Nas análises dos discursos as entrevistadas relataram que a relação delas com os docentes foi amistosa, e para algumas houve até o auxílio de alguns professores na inserção delas no estágio em empresas do entorno. Elas, no entanto, não deixaram de enfatizar as dificuldades de aprendizagem que sentiram em algumas disciplinas para conseguirem a aprovação e a conclusão no curso.

Entrevista da Jovem 2:

“As meninas que escolhem esse curso, quebram o paradigmas sociais, mas pra mim foi um desafio sempre, tanto para professor quanto para colega de turma.”

Já no que se refere a relação com os colegas de classe, muitas relatam haver um preconceito velado através de piadas sobre o porquê delas, enquanto mulheres, escolherem determinado curso. Entretanto, a relação amistosa e de realizarem grupos de estudo com alguns colegas foi o discurso predominante entre as entrevistadas.

Entrevista da Jovem 1:

“Minha turma no início era uma 35 pessoas e éramos 3 meninas, uma desistiu logo no primeiro módulo, então, ficamos eu e Paloma... e a minha relação foi até assim curiosa por que você recebia várias perguntas interessantes... como “o porquê você escolheu esse curso? Por que não foi pra química ou segurança do trabalho?”

Elas relataram também que os motivos pela escolha do curso ocorreu influenciadas pela alta procura durante o ano de 2015, após a instalação do estaleiro e da empresa Petroquímica Suape no município do Ipojuca-PE. A indicação de amigos e familiares também foi outro critério preponderante na escolha, bem como por serem cursos inovadores, segundo elas.

Entrevista da Jovem 3:

“Por ser curso novo na época aqui no estado e voltado assim... pra tecnologia, então isso me chamou atenção... a princípio.”

As dificuldades em se inserirem no mercado de trabalho nas áreas de seus cursos técnicos também foram salientadas como impedimento e atraso na conclusão do curso. Muitas delas foram relocadas para atuarem em outras áreas com fins de obterem o diploma ou por ajuda de terceiros (professores, amigos e outros pares para conseguirem o estágio).

Entrevista da Jovem 1:

“Demorei ainda seis meses depois que terminei o curso, para conseguir o estágio.”

Entrevista da Jovem 2:

“Então surgiu a proposta do estaleiro... à princípio era pra construção naval... sendo que na época não tinha ainda turma formada e tal, era o início do curso de construção naval era 2011 pra 2012, ai o que foi feito foi que pegaram o pessoal de automação, ai a gente teve um curso de dois ou três meses

preparatório pra concorrer a vaga que estava sendo ofertada pelo estaleiro na época.”

Os discursos analisados das jovens egressas em questão nos possibilitou vislumbrar pontes para o aprimoramento da pesquisa de modo a dar visibilidade em outros espaços acadêmicos, bem como em publicações de revistas e artigos, pois discutir gênero e suas relações no ambiente de trabalho e no ambiente escolar é ampliar discursos contra hegemônicos que necessitam serem tocados, discutidos e praticados.

5 Considerações Finais

Tivemos a destreza de não fazer uso de teorias divergentes que tratam das questões de gênero por consideramos que os pesquisadores quando optam por mais de uma vertente teórica precisam estar seguros de que suas teorias não sejam divergentes entre si, ou seja, demonstrando que reconhecem o contexto em que tais teorias foram criadas e quais lhe servirão de fundamentação.

Desse modo, nosso acompanhamento ocorreu de forma sistemática diante da realização de reuniões periódicas com a equipe de pesquisa. A avaliação das etapas da pesquisa e do desenvolvimento das ações de extensão foram acompanhadas e avaliadas pelo público atendido e entrevistado de modo a solucionar eventuais dificuldades que surgiram durante seu desenvolvimento.

Os encontros do grupo de pesquisa foram registrados e documentados através de atas de reuniões bem como as ações de extensão através de portfólio de execução. As primeiras ações de discussão na comunidade acadêmica sobre os conceitos de gênero e sexualidade foram realizados em formato de cineclube durante o ano de 2017. Outras ações de divulgação da pesquisa foram ocorrendo no decorrer da pesquisa.

Os discursos contra hegemônicos resultantes da pesquisa fortaleceram a importância da atuação do Núcleo de Estudos em Gênero e Diversidade do campus Ipojuca no desenvolvimento de ações de apoio contínuo e direcionado às jovens estudantes que dele necessitam. Ações essas que também puderam ser acompanhadas e integradas às ações do Núcleo de Arte e Cultura e do setor de psicologia.

Nessa direção, compreender as dificuldades desse público através do

desenvolvimento de uma pesquisa científica e, a partir de seus resultados, traçar ações de extensão para diminuir as dificuldades apontadas foi um dos resultados mais promissores.

Demos visibilidade às jovens mulheres e as suas diversas maneiras de expressarem suas identidades, o que em termos de qualidade de vida e acadêmica gerou uma noção de pertencimento e reconhecimento da instituição de ensino enquanto instituição parceira dessas mulheres e não enquanto instituição repressora ou omissa a essas questões.

Um dos impactos sociais vivenciados se referiu aos discursos de respeito e valorização à diversidade que tem se disseminado e levado a comunidade acadêmica à reflexão em suas relações de gênero, diante de uma realidade local em que a população é genuinamente feminina, negra e pobre.

Referências

BANCO DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD). Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/>>. Acessado em: 27 de abr. 2017.

BANCO DE TESES PORTAL CAPES. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>>. Acessado em 27 de jan. 2017.

CARRANO, Paulo César R; PERREGRINO, M. O direito à juventude na escola que se expande: desafio para a democratização da escola pública no Brasil. *Revista Anales de la educación común*. Buenos Aires, 2005, p. 18-27.

Constituição Federal de 1988. Disponível <http://pdba.georgetown.edu/Constitutions/Brazil/brazil05.html> Acesso em 15.03.2017

CRUZ, Maria Helena Santana. Refletindo sobre a diversidade de gênero em Educação. São Paulo, **Saberes em Perspec.**, v.2, n.2, Jan/Abr., 2012.

FUNDEB. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=fundeb.html> Acesso em 07.04.2017

GATTI, Bernadete. Estudos quantitativos em educação. São Paulo, **Educação e Pesquisa.**, v. 30, n.01, p.12-30, Jan./Abr., 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

INIGUEZ, Lupicínio. **Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

LOIZOS, Peter. "Vídeo, filme e fotografias como documento de pesquisa". In: BAUER, Martin W, e GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa em texto, imagem e som: Um manual Prático**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 1. ed. São Paulo: Vozes, 1997.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e Educação: Teoria e Política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, Editora Vozes, 2013.

NASCIMENTO, Ivany P. Projeto de vida de adolescentes do ensino médio: um estudo psicossocial sobre suas representações. **Imaginário**. São Paulo, Jun. 2006, v.12, n.12, 18 p.

NARVAZ, Martha Giudice. Gênero: para além da diferença sexual: revisão da literatura. **Aletheia**. maio/ago. 2010, 174-182 p.

OLIVEIRA, Danilo Araujo de. O espaço escolar numa perspectiva de gênero. In: DIAS, A.F; CRUZ, M.H.S. **Educação e Igualdade de gênero**. Jundiaí, Paco Editorial, 2015.

PACHECO, Eliezer. **Institutos Federais uma revolução na educação profissional e tecnológica**. São Paulo: Moderna, 2011.

POTTER, J.E WETHERELL, M. How to analyse discourse. In: **Discourse and social psychology: beyond attitudes and behaviour**, London: Sage, pp. 158-76. Versão traduzida por Oswaldo Rodrigues Fr. 1998.

RANCI, Constanzo. Relações difíceis: a interação entre pesquisadores e atores sociais. In: MELLUCI, Alberto. **Por uma Sociologia Reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura**. Petrópolis: ed. Vozes, 2005.

RIBEIRO, Marlene. Educação para a cidadania: questão colocada pelos movimentos sociais. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.28, n.2, p.113-128, jul/dez 2002

SORJ, Bila. O feminino como metáfora da natureza. **Estudos Feministas**, CIEC, Escola de Comunicação – UFRJ, v. 0, n. 0, p.143-150, 1992.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. São Paulo, **Educação e Pesquisa**., v. 31, n. 3, set./dez. 2005.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.